

## MAIS DE 400 ANOS DO *DOM QUIXOTE*, O MELHOR LIVRO

*José Raimundo Gomes da Cruz*  
Procurador de Justiça aposentado (SP)

Pela Internet está circulando a notícia da votação, por cem renomados escritores de todo o mundo, na verdade, de 54 países, por iniciativa dos Clubes do Livro Noruegueses, para escolha dos melhores livros de todos os tempos. Resultado, com 50% mais de votos do que o segundo colocado, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, o vencedor, anunciado na sede do Instituto Nobel de Oslo, foi a obra prima do espanhol Miguel de Cervantes Saavedra – o *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*, publicada na Espanha em duas partes, em 1605 e 1615. Oportuna e eloquente contribuição às comemorações dos 400 anos desse monumento literário. Numa das primeiras leituras da tradução portuguesa, fiz algumas anotações, que copio adiante, com breves comentários.

No *Prólogo*, a propósito da liberdade de julgar, comumente se diz “que debaixo do meu manto ao rei mato”. Constam críticas às citações de autores, notas, etc.

No Cap. III, Dom Quixote é armado cavaleiro. Cervantes ridiculariza o uso da expressão “dom”.

No Cap. IV, algo que se pode chamar, entre aspas, de *justiça do trabalho*, com o amo e o ovelheiro. Dom Quixote obriga aquele a pagar salários. Mas há o reencontro do ovelheiro com Dom Quixote.

O Cap. VI trata do expurgo dos livros de cavalaria, gênero de aventuras já decadente na época em que viveu Cervantes. Do expurgo participam Dom Quixote, o cura e o barbeiro. Há uma frase latina sobre livros que deve ser lembrada: *Nullus est liber tam malus ut non aliqua parte prosit*, que Paulo Rónai traduz como “Nenhum livro é tão ruim que, sob algum aspecto, não tenha utilidade” (*Não perca o seu latim*. 3. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984. p. 124, onde ele acrescenta que se trata de frase de Plínio, o Velho, citada por Plínio, o Moço, na *Epistola* III, 5). Bastaria lembrar que os livros de cavalaria levaram Cervantes a escrever o Dom Quixote para confirmação da frase latina.

O Cap. XI destaca a “ordem dos cavaleiros andantes, defensora das donzelas, amparadora das viúvas e socorredora dos órfãos e necessitados”.

Do capítulo XV, extraí a epígrafe do capítulo sobre o riso, no meu livro de memórias *Espinosa, anos 40 - depoimento de um menino curioso*: “Mas yo me tengo la culpa de todo, que no había de poner mano a la espada contra hombres que no fuesen armados caballeros como yo; y así creo que en pena de haber pasado la leyes de la caballería ha permitido el dios de las batallas que se me diese este castigo. Por lo cual, Sancho Panza, conviene que estés advertido en esto que ahora te diré, porque importa mucho a la salud de entrambos; y es que cuando veas que semejante canalla nos hace algún

agravio, no aguardes a que yo ponga mano al espada para ellos, porque no lo haré en ninguna manera: sino pon tú mano a tu espada y castígalos a tu sabor, que si en su ayuda y defensa acudieren caballeros, yo te sabré defender, y ofendellos con todo mi poder, que ya habrás visto por mil señales y experiencias hasta adónde se estiende el valor de este mi fuerte brazo.” Poderia bem ser o intelectual que só enfrenta alguém *à sua altura, no mesmo nível de saber*, que *só cita autores renomados* etc. Mas era mesmo o cavaleiro que acabava de apanhar uma tremenda surra com seu fiel escudeiro, porque vivia provocando confusões, simplesmente transferindo todas as consequências ao lombo do auxiliar. Afinal, se já não havia cavaleiros, dificilmente ele se arriscaria a levar nova pancadaria.

No Cap. XVII, Dom Quixote e Sancho dão calote no vendeiro, mas sofrem o castigo da “manteação”.

Do Cap. XVIII anotei: “E assim foi Dom Quixote por diante, nomeando muitos cavaleiros de um e de outro campo, como a ele se antolhavam dando a todos as suas armas, cores, empresas e letras...”

No capítulo seguinte o apelido “Cavaleiro da Triste Figura”, dado por Sancho, pelos dentes perdidos por Quixote e pelo cansaço de suas lutas”.

No Cap. XX, o patrão cuida de acalmar ao criado: “As mercês e benefícios que vos hei prometido a seu tempo chegarão; e, se não chegarem, o vosso salário, pelo menos nunca o haveis de perder, como já vos disse”.

Dois capítulos adiante, o herói de Cervantes ouve os prisioneiros que são conduzidos por guardas e resolve soltá-los, enfrentando os guardas, mas os criminosos acabam castigando seu libertador.

O Cap. XXV mostra a ironia do escritor valendo-se de uma espécie de letra de câmbio da época: “Por esta primeira de burrinhos mandará Vossa Mercê, senhora sobrinha, dar a Sancho Pança, meu escudeiro, três dos cinco que deixei em casa, e que estão a cargo de Vossa Mercê, os quais três burrinhos os mande entregar e pagar por outros tantos aqui recebidos de contado, que com esta e com sua carta de pago serão bem dados. Feita nas entranhas da serra Morena aos vinte e dois de agosto deste ano.” O escudeiro, apesar de muito crédulo, desconfiava das promessas de recompensa do fidalgo. Daí a ordem de pagamento de burrinhos, feita à sobrinha, que ficara na casa do cavaleiro.

Em seu delírio, no Cap. XXXI, Quixote explicava: “... e tudo isto se faz por indústria e sabedoria destes sábios encantadores, que protegem estes valorosos cavaleiros”.

O ideal feminino da cavalaria tem seu modo de exaltação: “... naturalmente as mulheres têm mais engenho que os homens, tanto para o bem como para o mal...”

No Cap. XXXVI, a citação – “a verdadeira nobreza consiste principalmente na virtude” – com tradução em nota: *Nobilitas sola est atque unica virtus* (Juvenal).

O ideal feminino prossegue no capítulo seguinte: “...e, como a formosura tenha por especial prerrogativa, e por graça singular, o poder de ganhar as vontades e atrair os ânimos, logo todos se renderam ao desejo de servir e animar a bela moura”.

D. Quixote discorre sobre o valor maior das letras ou das armas: “O fim a que as letras se dirigem (e não falo agora das divinas...), quero dizer, as letras humanas, é estabelecer com clareza a justiça distributiva, e dar a cada um o que é seu, e o procurar e fazer que as boas leis se guardem e se cumpram”... as armas, porém, excedem em valor pois o fim a que visam “consiste em assegurar a paz, que é o maior bem que os homens podem nesta vida desejar” (Cap. XXXVII).

Cita-se um “rifão” espanhol: “Igreja, ou mar, ou casa real”, isto é: “quem quiser ter valia e ser rico, ou siga a Igreja, ou navegue exercendo o ofício de comerciante, ou entre a servir os reis nos empregos públicos” (Cap. XXXIX)

No Cap. XLV, a indagação do cavaleiro: “Quem era esse que não sabia que são isentos de todo o foro judicial os cavaleiros andantes, e que sua lei é a sua espada, foros os seus brios, pragmáticas a sua vontade?”

A comédia, segundo Cícero, no original: *imitatio vitae, speculum consuetudinis, imago veritatis*, quer dizer, “imitação da vida, espelho dos costumes, imagem da verdade”. (Cap. XLVIII).

No capítulo seguinte, a conclusão sobre livros: “E, se ainda levado da sua natural inclinação, quiser ler livros de façanhas e de cavalarias, leia na Sagrada Escritura o dos Juizes, que ali achará verdades grandiosas e feitos tão reais como denodados.”

Já na segunda parte, o prólogo ao leitor faz alusão ao falso Quixote publicado em Tarragona.

As expressões de certos políticos atuais, confessando seu *espírito público*, o fato de ser, cada qual, um *soldado do partido*, ou até que este ou aquele *não se pertence*, ficariam mais corretas com a franqueza de Sancho: “acho-me com saúde para reger reinos e governar ilhas” (Cap. IV).

No capítulo seguinte, sua mulher, Teresa Pança, revela-se um tanto realista: “Vive tu e leve o Diabo quantos governos houver por esse mundo”. Vale a pena seguir sua argumentação. Até o ponto em que ela diz sobre a filha “melhor parece filha malcasada que bem amancebada”

No Cap. VII Sancho volta a insistir em receber sua remuneração: “que Vossa Mercê me arbitre um salário certo”. Quixote consegue escapar: “eu não teria dúvida em te marcar salário, se houvesse encontrado nalgumas histórias de cavaleiros andantes exemplo que me

descobrisse e mostrasse... o que era que costumavam ganhar, por mês ou por ano, os escudeiros”.

O fidalgo às vezes arrazoa com méritos, por exemplo, discorrendo sobre casos de procura da fama. Ele lembra Eróstrato, personagem de Éfeso que, no desejo de tornar-se imortal, por um feito memorável, incendiou o templo de Ártemis, no século IV antes de Cristo. Apesar disso, Quixote afirma: “Quero dizer com isto, Sancho, que o desejo de alcançar fama é ativíssimo”. Mas, ele prossegue, “os católicos e cavaleiros andantes mais havemos de atender à glória dos séculos vindouros, que é eterna nas siderais regiões, do que à vaidade da fama, que neste presente e mortal século se alcança”. Por sua vez, Sancho propõe a vida de frades, já que mais vale ressuscitar um morto do que matar um gigante. Responde-lhe Quixote: “nem todos podemos ser frades, e muitos são os caminhos por onde se vai ao céu”.

No Cap. XLIX, Sancho, afinal, consegue governar uma ilha, decretando: “Ou eu pouco hei de poder, ou hei de acabar com estas casas de jogo, que me parece que são muito prejudiciais”.

Enfim, o Capítulo LXXIV, refere-se ao testamento de Alonso Quijano, nome verdadeiro de Dom Quixote, que volta a ser normal, renegando cavalarias e seus livros.